

Carta sobre Escrita – 2

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Um dos primeiros problemas de quem quer ser escritor pode ser dito na pergunta:

- Mas que hei-de eu escrever?

Creio que só há uma resposta inteligente: - Escreve o que ainda não foi escrito.

Por uma razão simples: o que já foi escrito está escrito, nada acrescenta voltar a escrevê-lo.

Ser “um” escritor é ser uma “outra” voz, única, uma fala nova no contexto de tudo o que tem sido dito. Para quê ser repetição ou eco do que outro já diz?

Mas como é que uma pessoa pode escrever algo de verdadeiramente novo?

A melhor resposta é simples: ter alguma coisa nova a dizer. Mas, de novo:

- Como é que posso ter alguma coisa nova a dizer?

Só há um caminho: prestar atenção. Prestar atenção cuidada ao mundo – tanto exterior como interior.

Cada um de nós é único, tem uma história singular vivida num tempo e num lugar que nos dão um ponto de vista também único. Por isso, se prestar atenção, uma pessoa vê e sente e pensa algo diferente do que as outras pessoas veem, sentem e pensam. É simples, embora não seja fácil de concretizar. Porque vivemos a repetir o que os outros dizem e pensam?

Talvez seja melhor dar outra pista para se perceber melhor a ideia.

Uma vez, há muitos anos, eu vinha com um colega a sair de um dia cansativo de formação, por isso vínhamos satisfeitos por já ter terminado. “Mas ainda tenho a minha aula de desenho”, disse ele. E contou como tinha começado a sua aprendizagem do desenho.

“O professor colocou um copo em cima da mesa e disse para o desenharmos. E nós pegámos nos lápis e começámos a desenhar. Então, o professor, mais ou menos indignado, perguntou: *Mas o que estão a fazer? Ainda não viram nada, o que estão a desenhar?! Não ficar a olhar para o copo durante uma hora. Só a olhar. No final, talvez tenham visto alguma coisa. Então podem desenhar.* Nós ficámos a olhar e ao fim daquela hora eu via o copo já de modo diferente.” Foi há muitos anos, mas nunca mais esqueci esta conversa ocasional.

Segundo esta experiência, a técnica é fazer silêncio interior e prestar atenção. Uma atenção cuidada, focada. Se assim fizermos, algo de novo – e provavelmente de único – poderá aparecer. Então, já temos o que escrever.

Vejamos outro exemplo. A historiadora de arte Jennifer Roberts, professora em Harvard (EUA), escreveu: “Em todos os meus cursos de História da Arte, destinados a universitários, todos os alunos têm de redigir um ensaio de pesquisa intensiva, baseado numa obra de arte da sua escolha. E a primeira coisa que lhes peço para fazerem, no processo de pesquisa, é passar um tempo penosamente longo, olhando para esse objeto.” Repito, para reforçar: ‘um tempo penosamente longo’. Não apenas uns segundos, como acontece quando as pessoas “normais” veem um quadro num museu ou, pior ainda, num telemóvel. Escrevo propositadamente

peças ‘normais’. Se uma pessoa quer ser escritor tem de tornar-se diferente das pessoas comuns – para poder dizer algo de diferente. Algo a que as outras pessoas não tenham ainda chegado.

Esse tempo longo é indispensável. A um primeiro olhar, o que se vê? O que todos veem, ou seja, nada, nada de interessante. Só uma atenção cuidada e prolongada permite descer (ou subir?) a níveis cada vez mais profundos de leitura. E, a partir daí, poder comunicar com os potenciais leitores.

Hoje, não é fácil prestar uma atenção cuidada e prolongada. O mundo em que vivemos está saturado de estímulos que nos desafiam a atenção. E muitos de nós estamos viciados em saltitar de estímulo em estímulo, com uma “mente de macaco” (como dizem os orientais), sempre à procura de coisas novas. Deste modo, somos consumidores de nulidades, pois a nada prestamos atenção com uma profundidade além da superfície. Assim, não temos mais a dizer que aquilo que toda a gente já sabe ou pensa.

Ser um escritor, então, não é só escrever. É, antes de mais, ter alguma coisa que valha a pena ser escrito. Podemos dizer que ser escritor começa por dedicar um tempo longo de atenção àquilo que nos cativa. Ou que nos incomoda. Ou que nos desafia. Ou que nos entusiasma... É a isso que vale a pena dedicar a tal atenção cuidada e prolongada que alimenta a escrita.

Janeiro de 2022

José Alves Jana